

Barbara Cristina Souza Barbosa
 Daniel Silva Guedes
 Mário Corso
 Yan Ribeiro Ballestero

Das masculinidades

Realização Bruno Esposito, Camila Junqueira, Gisela Haddad, Ivy Semiguem e Lucas Simões Sessa.

Barbara Cristina Souza Barbosa é psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia e mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. É psicanalista, e professora na Universidade Santa Cecília (Unisanta). É educadora popular na Tamuya e participa do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise*.

Daniel Silva Guedes é psicanalista, mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ) e professor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Compõe o grupo de Estudos Críticos da Literatura e participou do documentário “TRANSformar: existindo na educação”.

Mário Corso é psicanalista, co-autor do livro *Fadas no Divã* (Artmed 2006), *A Psicanálise na Terra do Nunca* (Artmed 2011) e *Adolescência em Cartaz* (Artmed 2018). É colunista do jornal Zero Hora.

Yan Ribeiro Ballestero é bacharel em Direito, professor de psicologia aplicada ao Direito na UNIPAC e diretor geral do Instituto Casa da Palavra. É pesquisador na interface entre direito e psicanálise.

* Somos um Instituto que tem por direção um trabalho interseccional, transversal, cidadão, antirracista e decolonial voltado a todos os homens sobre o exercício de suas masculinidades e suas consequências no laço social.

Ao eleger o tema das masculinidades, deparamo-nos com a escassez de trabalhos e análises sobre sua identidade, história e experiência, fato pouco questionado, quiçá a ser reparado. Ainda que se leve em conta a complexidade das camadas sócio-históricas e culturais, e a multiplicidade de contextos que interseccionam raça, gênero, classe social e engendram relações de poder, há que se questionar a razão de os papéis e as funções de “homens” estarem organizados social e culturalmente em uma masculinidade normativa, quase nunca contestada, que mantém os privilégios da cultura patriarcal e exige, em geral, certo desempenho sexual. Se essa cultura lhes garante liberdades e benefícios, em seu avesso mantém a violência como arma de defesa contra quaisquer ameaças à sua virilidade. Na contracorrente dessa natureza mitológica, temos vivido tempos em que esse masculino está em crise, e em que as masculinidades vêm sendo marcadas por certa indefinição ou instabilidade. Os avanços obtidos pelas lutas feministas, as mudanças no lugar e nos papéis ocupados pela mulher na sociedade, os espaços abertos pela população LGBTQIA+, que questionam a normalização da heterossexualidade, se por um lado descortinam o esgotamento ético, estético e político das identidades, colocam em alerta os inquestionáveis privilégios históricos da identidade masculina e seu repertório. Uma parcela destes homens, sentindo-se ameaçados e fragilizados, buscam novas significações para suas fraturas, na tentativa de resgatar um lugar mítico do masculino. Pudemos constatar recentemente quando, incentivados por um discurso a favor da posse de armas – reiteradamente repetido pelo presidente anterior – e alimentados por redes sociais que articulam o ódio a essa ameaça de mudanças, muitos

jovens armados e irmanados contribuíram para aumentar a incidência de massacres em espaços educacionais. A mesma escola em que, em geral, são reproduzidos traços de uma masculinidade em que a violência é naturalizada, a provocação cruel é aplaudida, a vergonha do choro é motivo de chacota e a dificuldade em falar de sentimentos é um consenso. Ao mesmo tempo, vemos surgir grupos de homens que se reúnem e que, através de debates críticos sobre o machismo e seus efeitos homo/transfóbicos, buscam construir uma ressignificação da masculinidade e promover a elaboração de novos horizontes sociais para dinâmicas de gênero, sexualidade e suas subjetividades. Outros homens? Outros papéis a desempenhar? Outros modos de viver as relações com seus pares, com seus corpos e prazeres?

Barbara Cristina Souza Barbosa
Interseccionalizar a “crise da identidade masculina”

*O feminismo levou a peste
A psicanálise também.
Pestes descoincidentes?
Sim. Mas peste é sempre peste.
Substância que produz deslocamento
na posição daquela que inocula.*

Falar em crise é falar em convite. Ou melhor, convocação. A crise é sempre uma convocação para o sujeito ter que se haver com o caráter instável das ficções que ele construiu sobre si mesmo (não sem Outro). Ter que se haver é ter que criar uma resposta mais sofisticada, trabalhada, elaborada sobre si mesmo, já que a anterior não está mais dando conta do recado. O que escutávamos com frequência era: “os homens fazem conjunto”. E fazendo conjunto, alguma coisa se pacifica. O que escutávamos com frequência também era: as mulheres não fazem conjunto, por isso, nada aí se estabiliza. Frases boas, verdadeiras até, mas insuficientes para compreender os fenômenos, queixas, demandas e questões que nos são colocadas sobre a masculinidade. A pergunta poderia ser:

»
*a universalização de
uma classe aposta
na necessidade de se falar
de um agrupamento
de conjuntos*

A seção Debate convida nossos debatedores a refletir sobre o tema

do que sofrem os homens na contemporaneidade? Do que sofrem os Incels¹, os Redpills², os bolsonaristas (cativados pelas armas), os moradores de rua (com seus olhares melancolizados, suas peles pretas e seus cachimbos de crack)? Do que sofrem esses homens?

A universalização de uma classe aposta na necessidade de se falar de um agrupamento de conjuntos. Quando dizemos, por exemplo: Histeria, Neurose Obsessiva e Psicose, estamos menos falando que toda histeria é igual a outra e mais que há elementos comuns que possam nos dar direcionamentos de escuta e intervenções, mesmo que isso exija que escutemos cada histeria Uma a Uma. Com Homens, poderíamos brincar pela mesma lógica: quando estamos diante de um homem, de carne e osso, o que os universaliza? A universalização ocidental sempre tendeu a ser neutra e incolor. Líamos relatos clínicos sobre homens (sem raça, sem classe, sem gênero) como se isso nos protegesse de um fascínio pelo registro imaginário que Jacques Lacan tanto lutou na



*há grupos de homens
que estão dispostos a encarar
essa reinvenção. Mas a disponibilidade
exige mais do que boas intenções
e identidades desconstruídas*

briga política sobre os destinos da psicanálise. No entanto, o feminismo já havia nos ensinado que a ausência de menção de uma identidade não significa que ela não esteja ali³. Ao contrário, quanto mais se escamoteia uma identidade, mais ela age com sua força em passar como se não fosse inexistente. Em que raça se localiza o Homem dos Ratos? Que cor tinha a babá tão destacada do Homem dos Lobos? A que classe pertencia o maluco juiz Daniel Schreber? Que masculinidade performava o pai participativo do pequeno Hans? Detalhes que poderiam ser destacados em uma releitura desses casos clínicos. Deem uma olhada no menino dos lobos e no fascínio que a proletariada provocava nesse garoto. Infelizmente, Freud estava muito concentrado no Pai. E nos pais, de carne e osso.

Interseccionalizar a “crise da identidade masculina” é frear as interpretações ligeiras de que os

- 1 São adolescentes ou garotos com pouco mais de 20 anos, que sofreram rejeição ou tiveram encontros ruins com mulheres e visitam fóruns de mensagens para tentar sair da solidão. Na compreensão deles, mulheres são naturalmente promíscuas, manipuladoras e só querem dinheiro dos homens. Os “incels” se acreditam geneticamente inferiores aos homens de tipo “Chad”.
- 2 Homens que se opõem ao sistema que supostamente valoriza as mulheres, se tornando coaches da masculinidade disseminando manuais de ódio, misoginia e crítica ao “planeta feminista”. Suas hashtag já alcançaram 44 bilhões de visualizações.
- 3 Sobre isso ver discussão de Bell Hooks nos livros: O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebadoras e Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.
- 4 Ver trabalho de Carla Akotirene intitulado “Interseccionalidade”

homens estariam mais cativados pelas promessas fascistas. Não há dúvidas de que o fascismo possa exercer fascínio em um homem, mas talvez não seja disso que se trate. Faustino (2023) já apontou alguns caminhos com a sua inversão no texto publicado na revista Estilhaço: “O que veio antes do fascismo? O racismo e a via colonial de objetificação do capitalismo brasileiro”. Essa inversão nos move para a nossa relação com o passado inacabado, imprevisível, aberto, *locus* de conflito, que por não estar petrificado produz novos relançamentos futuros. Assim, só será possível compreender as “crises das identidades masculinas”, produzindo alguns retornos.

Interseccionalizar⁴ é incluir a classe, a raça e o gênero no jogo. Foram as sapatões (Combahee River), a evangélica (Sojourner Truth) e a jurista (Kimberlé Crenshaw) que oficializaram a necessidade de interseccionalizar. A primeira pergunta foi sobre a própria existência, quando Sojourner questionou “E eu não sou uma mulher?”. Será que a pergunta da contemporaneidade é “E eu não sou um homem?”. Mas como um homem negro se pergunta, se a escravização o tomou como O viril, sem humanidades? O falocentrismo equacionou homem – pênis – fala – poder. Mas não do mesmo jeito. Não há “essência” que garanta o que é um homem e o homem trans escancara isso. Então como se fazer homem, como se inventar homem, em um momento em que as exigências e a ocupação de certos lugares pré-estabelecidos sofrem constantemente um processo de transformação?

Há grupos de homens que estão dispostos a encarar essa reinvenção. Mas a disponibilidade exige mais do que boas intenções e identidades desconstruídas. Exige uma experiência de perda, incontornável e necessária para que haja um deslocamento. Infelizmente as respostas têm sido mais dramáticas do que cômicas, algumas tentam recuperar um passado perdido que nunca existiu – nunca foi tranquilo se haver com o significativo Homem – e a sustentação do semblante da virilidade sempre foi caótica. Outras pela via do enlouquecimento diante da consistência que o grande Outro Mulher ganha, ao serem

culpabilizadas por toda a “desordem”. Ou a resposta menos violenta – mas ainda danosa – da impotência, um jeito de recuar ante a ausência da garantia⁵. Há que se abrir mão do gozo de proprietário⁶, aquele que sempre acha que pode ser roubado porque tem algo a perder, e, para isso, não bastará migrar sua propriedade de um lugar para outro.

Daniel Guedes

Homens com H ma(iú)sculo?

A construção sociocultural do homem e da masculinidade muitas vezes se dá em torno de um ponto de suporte de imagem construída por um corpo másculo, que tenha barba, voz grossa, pelos, pênis ou que se posiciona como se a sua opinião fosse a que mais importa, a única que porta a garantia de uma certeza. Dessa forma, o homem acredita ser hegemônico, um modelo a ser espelhado e segue construindo estereótipos heterocisnormativos.

Por outro lado, esse “universal” do homem não existe e as masculinidades construídas para além desse eixo seguem sendo rechaçadas pela diferença. O argumento a ser levantado aqui, é tomar a masculinidade para além de seu significado estático e permanente e abrir espaços para que seja possível uma reflexão e questionamento em torno das distinções e possibilidades dos corpos.

Há uma estereotipia construída no imaginário das pessoas sobre o que deveria ser um homem e como ele deveria se portar. Um homem grávido provoca espanto. Sua imagem fere a ideia da masculinidade, dos efeitos possíveis de se experimentar ao carregar um útero, uma criança, desejar gestar, parir, adotar uma criança, ocupar uma função de cuidado. Na categoria homem não está incluído o cuidado, a delicadeza, ou o cuidar-se, quase sempre atribuído ao feminino ou

ao menos masculino, o que reforça o alibi para seguir se ausentando deste lugar.

Recentemente⁷ um homem trans foi assassinado com trinta tiros no Estado do Ceará, e, embora o caso esteja sendo investigado pela Polícia Civil, seu nome masculino foi ignorado. O nome que ele escolhera ter. Há um ponto de articulação entre a violência do corpo, a violência simbólica e a constatação de que inexistem em nossa sociedade espaços em que possam existir todas as masculinidades. Por qual razão há uma tentativa de validação dos corpos?

Fui questionado recentemente em um evento de psicanálise⁸ sobre identidades e identificações porque eu preferia dizer que “sou” um homem trans e não que “estou” homem trans. Ao sublinharem minha fala, mais uma vez eu estava diante de algo corriqueiro, pessoas cis na plateia fazendo um questionamento sobre o meu ser, e eu sabendo que ninguém poderia ser capaz de estar no meu lugar. Mas penso que essa prática vale para todas os discursos e construções de masculinidades.

Sei que diante dos olhos de todos, os efeitos que meu corpo causa não são passageiros, e é difícil que possam saber que por trás de meu semblante com traços masculinos há alguém que pauta a sua existência em um eterno trânsito rotacional entre o feminino e o masculino, tanto na

ao sublinharem minha fala,
mais uma vez eu estava
diante de algo corriqueiro,
pessoas cis na plateia fazendo um
questionamento sobre o meu ser,
e eu sabendo que ninguém
poderia ser capaz de estar
no meu lugar





*cada corpo, seja ele trans,
cis, hetero, ou homo, é talhado
e construído pelas marcas
das palavras e de seus efeitos
na carne. Uma colagem modernista
e contemporânea onde não há
linearidade precisa.
Cada um ao seu modo*

dimensão da corporeidade quanto na dimensão discursiva, do modo como performo meu gênero.

E se, diante da descoberta do rasgo que tenho entre minhas pernas, do útero que vive em meu âmago, de um filho que meu corpo trans possa gestar, eu não tiver como recusar que sou um homem trans? E se diante das escolhas que fiz na construção da minha identidade eu for violentado, eu não poderei alegar “desculpe-me, hoje acordei um pouco trans, mas agora já me sinto cis, não me violente por favor”. As masculinidades, ou ainda, os debates sobre homens, em geral não incluem os corpos desviantes da norma, corpos subversivos e não domesticados. Mas deveriam, inclusive porque esta é a realidade de nosso tempo.

Construir as identidades diante do Real do sexo, incerto e contingente, exige uma invenção, algo com o que alcançamos pela e na palavra: o que nos resta é o semblante e o jogo com eles. Tenho apostado, por enquanto, que na contemporaneidade

tem se tornado cada vez mais um jogo, uma brincadeira, uma dança, um bailar, um transitar.

Hoje eu diria que o movimento no *ser trans* não está em um estado, mas nos malabarismos e mobilidades importantes e necessárias que se tem que fazer diante do Outro da cultura, que insiste em ditar os modos pelos quais as existências, as masculinidades e as identidades devem ser construídas, destituindo a dimensão da singularidade e da subjetividade. E nesse debate é preciso incluir os efeitos do machismo com sua ótica homo/transfóbica.

As transmasculinidades furam a ideia de um fazer único, de um modo único de construção da masculinidade e são esses corpos que apontam a fragilidade dos que se resguardam por trás da imagem viril e do “imbrochável” que tanto contribui para os “estereótipos de gênero”.

Aqueles que apostam que as cirurgias de transmasculinos alimentam o estereótipo de gênero partem do pressuposto de que o destino desse corpo é o de se adequar e parecer um corpo cis, e ignoram as cicatrizes, marcas e narrativas em torno dessas modificações que escancaram as faltas à mostra de um corpo modificado.

Se me apresento como um homem trans, ou um trans homem – afinal sou mais trans do que homem – por que razões as pessoas pressupõem como eu deveria ser? Os corpos trans masculinos, seguem na contracorrente do que imaginam os desatentos sobre um corpo trans e masculino, que está longe de usufruir dos privilégios de sua imagem de homem que tem barba, pelos, voz grossa, mas... Onde está o pênis?

Cada corpo, seja ele trans, cis, hetero, ou homo, é talhado e construído pelas marcas das palavras e de seus efeitos na carne. Uma colagem modernista e contemporânea onde não há linearidade precisa. Cada um ao seu modo.

“Ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino”, embora reforce que há uma divisão estabelecida e definida entre ambos. Na prática, é diferente, mas essa discussão ainda exige novos espaços, outros terrenos a serem fertilizados para novas questões.

5 Sobre isso ver trabalho de Vinícius Moreira, intitulado: “Homens em análise: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana”.

6 Expressão cunhada por Miller que aparece no texto “La naturaleza de los semblantes”.

7 No dia 28 de agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/cariri/noticia/2023/08/28/homem-trans-e-assassinado-a-tiros-depois-de-receber-ligacao-para-ir-a-praca-em-juazeiro-do-norte.ghtml>

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8B-Kq1OJLE>

Mário Corso
Homens Desarmados

Os historiadores não têm dúvidas sobre as Amazonas, elas existiram. Porém, não como os gregos as tornaram conhecidas. Eles relataram o que viram – mulheres guerreiras – mas o que o coração não pode entender, os olhos se negam a registrar. O mito das Amazonas é uma charada que não podemos decifrar sem conhecer a mentalidade da sociedade grega.

O povo Cita, de pastores nômades que viviam nas planícies centrais da Eurásia, na guerra, não conhecia a diferenciação nem a hierarquia entre os gêneros. Usavam a mesma roupa, ambos eram destros no manejo do cavalo e do arco curto. Quando iam para a guerra, sempre montados em cavalos, lutavam lado a lado. Nesta conjuntura, que surgisse uma mulher como general, dependia apenas das circunstâncias.

Nos atritos bélicos de fronteira, os gregos depararam-se com homens e mulheres no front. Uma sociedade igualitária quanto ao gênero não fazia sentido para o pensamento grego. Eles não concebiam outro formato senão o “natural” e imutável patriarcado. Como a simetria de poder de gênero lhes era impensável, tomaram este povo como um mundo ao avesso, lá seriam as mulheres que comandariam.

E as evidências de homens junto a elas? Seria a pergunta óbvia a fazer. Azar das evidências, afinal os gregos eram bons nisso. Lembrem que eles olhavam para homens e mulheres e constataavam que eram de um só gênero, o masculino.

As mulheres seriam originalmente homens que não tiveram força vital para chegar até a perfeição masculina. Imperava a ideia do sexo único, havendo uma versão perfeita e outra rebaixada do mesmo ser. Obviamente, sendo a masculina o padrão ouro, era lógico que governasse e se servisse do complemento oferecido pela outra metade, a réplica depreciada, que não se lhe igualava em atributos.

Mantinhavam-se assim duas premissas preciosas ao pensamento helênico: a sociedade humana

*o povo cita, de pastores nômades
que viviam nas planícies centrais
da Eurásia, na guerra não conhecia
a diferenciação nem a hierarquia entre
os gêneros. Usavam a mesma roupa,
ambos eram destros no manejo
do cavalo e do arco curto*

se organizava a partir da divisão em duas categorias e, parte essencial do raciocínio, uma deve governar a outra. Na reprodução, por exemplo, às mulheres cabia apenas a condição de receptáculo passivo, como um forno. As qualidades dos novos seres humanos eram atribuídas aos homens.

Três milênios depois, as mulheres se provaram capacitadas a todos os postos de trabalho e hábeis em todas as ciências. Porém, alguns homens ainda pensam como gregos arcaicos. Buscam discursos para convencê-las a retomar o que consideram sua verdadeira vocação: lar e maternidade. Opera na cabeça deles o mesmo medo que os gregos tinham: “se as mulheres comandarem o mundo, nós seremos subjugados.” A simetria de poder entre os gêneros também lhes é impensável.

A cultura Cita, assim como outros povos da Idade do Bronze, contrasta com o cerne dos mitos do Patriarcado que irão dominar o Ocidente. Criou-se uma visão de mundo na qual as mulheres estão ligadas à vida – elas sendo férteis, trazem novos seres ao mundo. Já os homens atendem pelo arquétipo do guerreiro, aquele que extrai sua identidade de não temer a morte – arriscando a vida na guerra – e da potência para matar. Em resumo: enquanto a mulher é quem dá a vida, o homem é quem pode tirá-la; senhoras da vida e senhores da morte.

Claro que as Amazonas – as mulheres do povo Cita – não se encaixam neste arranjo. O mito das Amazonas ratifica hipóteses históricas bem





nos sistemas de parentesco, a mulher era moeda de troca que circulava tecendo laços com parentes e estrangeiros. Ela estava sob a posse do pai, embora este não pudesse vendê-la, apenas doar

fundamentadas de que houve, durante a Idade do Bronze, inúmeros povos em que a simetria de gênero – ou uma pequena diferença – era usual. Já o matriarcado, às vezes confundido com matrilinearidade, segue na categoria de mito.

Um pequeno registro: essas sociedades da Idade do Bronze, igualitárias no gênero, contrariam o senso comum de que a história da civilização é uma trajetória de conquistas de liberdade. Como se tivéssemos passado de um período selvagem, bárbaro, da lei do mais forte, até chegarmos às sociedades mais livres. Quanto à autonomia das mulheres, houve retrocesso ao longo de milênios, recém sendo sanado. Como alguns destes povos não tinham escravos e decidiam seu destino em assembleias, considerar que a Grécia é o berço da democracia torna-se uma piada.

Voltando, existiam outros arranjos simbólicos anteriores. Nos sistemas de parentesco, a mulher era moeda de troca que circulava tecendo laços com parentes e estrangeiros. Ela estava sob a posse do pai, embora este não pudesse vendê-la, apenas doar. De qualquer forma, sua função era ligada ao que agrega, que costura vínculos entre os distantes, sem que por isso lhe coubesse qualquer protagonismo. Esses arranjos assumiam muitas configurações, desde a oferta ou permuta de filhas, irmãs e esposas, até as rainhas, cujos corpos selavam pactos entre reinos.

Todos temos presente, visto que tem sido muito estudada, esta alienação imposta à mulher. Mas a contraparte, a alienação a que o homem

era e é submetido, nem tanto. Até porque pensar sobre isso deixa os homens em um papel menos heroico do que gostariam. Homens preferem acreditar que são eles mesmos que decidem sobre matar e morrer, que a condição de soldado é de protagonista, mas a realidade é bem outra.

Como os sacrifícios humanos saíram de moda desde o Império Romano, esquecemos que o objeto dos sacrifícios era habitualmente masculino; raramente, em contextos particulares, femininos. O dever das primícias, rito dos primeiros frutos sacrificados para pagar aos deuses pela colheita e aumento do rebanho, recaía sobre os meninos e animais machos. O mito do sacrifício de Isaac, diz do momento em que Deus passou a aceitar trocar homens por animais. As interpretações do mito como testes da fidelidade de Abraão a Deus apenas recalcam que os rituais infanticidas eram comuns em inúmeras religiões. Outra vez o homem ligado à morte.

E há um segundo momento da doação de homens em sacrifício, eles eram dados ao chefe de um clã, aos reis e aos estados, como soldados. Nenhuma família protestava, era natural o destino de defensor de causas alheias, de ideias ou territórios que não necessariamente seriam seus.

No Ocidente, a naturalidade desta oferta só vai ser questionada depois da Primeira Guerra Mundial. Esta guerra dizimou e mutilou uma geração de jovens. Os combates eram de tal forma brutais e sem sentido, que deixavam transparente para todos que a vida do soldado não lhe pertencia e nada valia. Eram peões descartáveis de uma engrenagem mortífera impessoal.

No Oriente, tomando um exemplo que todos conhecem, o sacrifício ficava explícito na dedicação terminal dos soldados japoneses ao imperador. Durante a Segunda Guerra Mundial, voltar para casa era, para eles, uma questão menor, enquanto morrer pelo imperador era normal. Além dos Kamikazes, em que o sacrifício é claro, nas tropas normais fazer um ataque suicida era preferível a ser capturado.

Outra forma de doação em sacrifício com conotações religiosas, é a de homens adultos que

precisaram morrer para redimir e salvar seu povo. Este mito, que bem conhecemos pelo cristianismo, era comum a várias tradições do passado.

Quando hoje teorizamos sobre a facilidade com que a paixão instrumental é acionada no fascismo, por vezes esquecemos que este “treino” para servir ao Outro, valendo a entrega da própria vida, vem de milênios. Mais que um treino, essa entrega em sacrifício, convocada por uma entidade superior, consagrou-se como um valor maior, frente aos que levariam a vida na banalidade da sobrevivência. Deixar-se matar vale mais do que simplesmente morrer.

Infelizmente, esses mitos voltam à vida quando a representação de identidade masculina entra em crise. Se algo novo não se apresenta, as formas arcaicas e explicitamente brutais retornam. No caso dos homens de hoje, não há uma nova forma positiva hegemônica e clara de como é ser homem. Enquanto as mulheres já não se encaixam no papel tradicional de submissão e estão avançadas em ocupar espaços públicos, espaços de poder, é mais recentemente que um maior contingente de homens está entendendo que o jogo mudou de regras.

Homens indigentes de experiências de alteridade, de cultura e de valores, são os primeiros a responder dobrando a aposta. Exigem seus privilégios de volta. Neste caso os argumentos são substituídos pela força. O resto do contingente segue aturdido, ensaiando uma resposta ao que é ser homem hoje.

O ideal para todos nós seria derrotar a esfinge da nossa civilização, aquela que indaga inclemente onde nos situamos no leque das identidades de gênero. Nosso mais alto sonho seria olhar nos olhos da monstra e dizer: quem se importa?! Porém, massivamente, estamos longe disso. A questão mais premente é: como lidar com homens em crise, antes que deles brotem mais Rambos?

O custo destes guerreiros de araque é altíssimo, e o feminicídio não para de crescer. Os dramas seguem um roteiro sinistro e previsível. Uma mulher não suporta mais os abusos de um



esses mitos voltam à vida quando a representação de identidade masculina entra em crise. Se algo novo não se apresenta, as formas arcaicas e explicitamente brutais retornam

homem. Qualquer movimento dela para sair deste laço perverso é tomado como afronta à masculinidade dele, visto que sua positividade depende da negatividade dela. Como os gregos, eles concebem apenas inversões hierárquicas. Sentir-se inferiorizado equivale a sentir-se feminilizado, o que dispara nele a identidade masculina arquetípica: ser homem é ser o anjo da morte.

O resultado é uma farsa: nem homem, nem guerreiro, apenas um psicopata covarde. O assassino tenta operar um rito de passagem na esperança de que a morte de sua mulher congele o espelho de positividade que ela fora para ele. O preço da operação é a destruição do seu próprio destino e o fim trágico de uma mulher. Um assassino brutaliza-se ao cruzar a linha da civilização, e seu diálogo passa a ser com a lei.

Qualquer que seja a saída para uma nova concepção do que seja um homem, a tarefa incontornável é esvaziar a força deste mito. Como simulacro de guerreiro, porta armas, aperfeiçoa o corpo de lutador, usa roupas/fantasia de soldado, para ofertar mais uma vítima em sacrifício. O que ignora é que sua humanidade vai junto. Nas palavras de Lacan, “(...) oferecer-se aos obscuros deuses um objeto de sacrifício, eis algo a que poucos sujeitos podem não sucumbir, numa monstruosa captura”. Estes deuses apreciam sangue humano.



*violência, desconforto e medo?
Como a psicanálise pode contribuir
a fim de produzir novas leituras,
conceitos e práticas que possam
oferecer um lugar para que
esses homens possam ocupar
o lugar da dúvida?*

Yan Ribeiro Ballesteros
O que será o Amanhã

Recentemente ouvi com certa angústia, que os estudos, trabalhos e políticas envolvendo os homens e suas masculinidades “seriam o futuro”. Penso que a angústia mencionada não diz respeito ao desejo que o tema me causa ou ao modo pelo qual venho tratando a temática, na tentativa de mobilizar a interface Direito e Psicanálise na tratativa da violência de gênero. A angústia, sempre verdadeira e antecipada, a angústia que senti naquele momento, acredito eu, dizia sobre os tempos verbais e a nossa relação com o que há de vir.

Me perguntei por alguns dias sobre o uso daquelas palavras e o que elas representavam para mim. Por que me causava tamanho desconforto. Se a enunciação de um futuro que possa vislumbrar o trabalho com as pessoas que se identificam como homens e o exercício de suas masculinidades pode ser proveitosa, se levantar o véu e o tabu que recobre o tema pode trazer à tona a complexidade masculina inscrita no campo da subjetividade e do social, nas perspectivas do coletivo e do singular, poderíamos enfim pensar em possibilidades de resolução de um problema que acompanha a história da civilização moderna trabalhando o vetor da violência, com a sua causa. Enfim, os homens seriam

o objeto observável e não o observador neutro, universal e onipotente.

Entretanto, penso em outro tempo verbal. Deslizando na metáfora, indico um outro momento de ação do verbo em relação ao momento em que se enuncia a ação. Usado para falar de acontecimentos que poderiam ter acontecido no passado, mas não se concretizaram: o futuro do pretérito composto. E proponho os seguintes questionamentos, sem a pretensão de esgotá-los completamente: porque testemunhamos apenas na década de 90 o aparecimento inédito na tradição ocidental de um campo de estudos sobre homens e masculinidades? Que circunstâncias epistemológicas, históricas, políticas, subjetivas, dentre tantas outras formaram os muros e barreiras que impediram esse trabalho de ser realizado em momentos pretéritos? O que pensar desses tempos de esvaziamento da função paterna na configuração de novas formas de masculinidade? Violência, desconforto e medo? Como a psicanálise pode contribuir a fim de produzir novas leituras, conceitos e práticas que possam oferecer um lugar para que esses homens possam ocupar o lugar da dúvida?

Podemos pensar sobre como se constituiu a produção de conhecimento e estruturação do

homem moderno. No avesso da ocupação colonial, em sua radicalidade de fundação do tempo histórico iluminista e moderno, o sexismo fundou uma lógica de dominação e silenciamento radicadas na identificação masculina à atividade, à substância, à razão e ao poder. Ao estruturar essa lógica binária de estruturação, o outro lado deste par de opostos – que não o masculino – estava designado à passividade, ao horror e ao vazio. Tais práticas encontram recursos no social e meios de se perpetuar no interior das estruturas patriarcais que ainda carecem ser visibilizadas, enunciadas e assumidas no nível não apenas da consciência racional, mas também do assentimento subjetivo inconsciente a partir do qual nos posicionamos como sujeitos responsáveis, mesmo no nível do desejo inconsciente, no mundo.

Nesse sentido, o circuito imaginário e narcísico do homem moderno se fecha em si mesmo, restando auto-justificado, pois o masculino encarna o modelo da ciência e da subjetividade, pois o falo subsume o pressuposto da ação e do movimento associados pela tradição metafísica da presença ao contínuo que se estende no espaço e no tempo da substância⁹.

Sendo assim, nos deparamos com um primeiro problema, que diz respeito a esse método político-científico de construção das masculinidades pensado de forma acrítica, que não se implica em como seus atravessamentos de gênero, raça, território, linguagem e classe interferem nos processos de subjetivação e produção das violências, organizando um sistema que age sob aquele que não atende os padrões moralmente estabelecidos do que é ser homem.

Pode ser interessante pensar como essa construção dialoga com *falocentrismo*¹⁰ derridiano, conceito que articula as unidades do logocentrismo cartesiano – e sua suposição metafísica de superioridade – com o falocentrismo, termo proposto pelo psicanalista Jacques Lacan para designar o simbolismo greco-freudiano e o privilégio do Phallus (representação do pênis) como libido (energia sexual) de essência masculina.



*a negação da feminilidade
acarreta os mais diversos
graus de violência contra as pessoas
que possuem traços, trejeitos
e atributos femininos presentificada
nas práticas interseccionais
de violências domésticas*

Considerar o significante masculino como ponto de referência e centro da racionalidade implica em uma lógica sexista de exclusão e negação do feminino e da homossexualidade no âmbito individual e coletivo.

Nesse sentido, a negação da feminilidade acarreta nos mais diversos graus de violência contra as pessoas que possuem traços, trejeitos e atributos femininos presentificada nas práticas interseccionais de violências domésticas, feminicídios, homofobia, transfobia, LGBTQUIAPN+ fobia, como também no alto índice de mortes entre homens, práticas de risco e atentados contra a própria vida e contra a sociedade.

Esta constante reafirmação de modelos hegemônicos de masculinidade e negação da diferença pela via da violência pode ser entendida como uma forma de proteção contra a ameaça do desamparo, decorrente da perda de traços e marcas identitárias da masculinidade¹¹, como também um ato praticado não quando se sentem diante do poder, mas sim na tentativa de recuperar neuroticamente esse mítico espaço pretensamente perdido e enfraquecido pelas políticas e lutas feministas, pelos avanços da medicina e da ciência, pelas novas configurações familiares que impulsionaram avanços no sistema de justiça. A violência como resposta.



*temos homens que aspiram
a um lugar de hegemonia,
negando sua própria castração
e buscando meios de se colocar
acima da lei que os constitui, como
exceção viril a uma masculinidade
supostamente castrada*

Vale trazer as observações de Raewyn Connell, que em seu trabalho¹² de investigação rompe com a abordagem singular de “masculinidade” propondo a existência de múltiplas masculinidades que se organizam de forma dinâmica e fluida nas relações de gênero e em determinado tempo. Nesse sentido, ao propor a noção de “masculinidade hegemônica”, Connell infere que apenas uma minoria dos homens seria capaz de adotá-la de maneira ostensiva. Hoje podemos perceber o exercício dessa masculinidade em homens brancos, cisgêneros, heterossexuais, cristãos, ativos sexualmente, sem deficiência física, de classe média-alta. Mesmo muitos homens não alcançando tais ideais, exercem sua masculinidade sendo cúmplices, seguidores e beneficiários do patriarcado.

Entretanto, já é possível enxergar a universalização do homem branco europeu denunciada e

desconstituída. Em tempos de esvaziamento da função paterna e avanço do pensamento feminista, novas formas de masculinidade ganharam espaço e legitimidade, exigindo dos homens novos repertórios de respostas para além da violência e virilidade. A emergência dessas novas masculinidades tem posto em xeque o que é ser homem, questionando o ideal de masculinidade construído às custas dos avanços da agenda colonial, pedindo explicações acerca dessa categoria e apresentando novas possibilidades de ser e existir enquanto tal.

O medo dos homens de ocupar esse lugar de dúvida não deixa de se relacionar com o temor da castração, entendida como recusa a tudo que pode denunciar o caráter fictício da sexualização masculina heteronormativa que permite aos homens encontrar recursos para ocupar e preencher o vazio da falta. Podemos pensar nesses recursos construídos socialmente como família, patriarcado, divisão sexual do trabalho, política, direito, filosofia, dentre tantos outros que foram pensados pelos homens também para não sucumbirem no vazio da dúvida, do questionamento de si e de seus modos de vida, relações e investimentos libidinais.

Assim, temos homens que aspiram a um lugar de hegemonia, negando sua própria castração e buscando meios de se colocar acima da lei que os constitui, como exceção viril a uma masculinidade supostamente castrada. Como também podemos pensar em homens que buscam excluir qualquer outro que negue a regra instituída da masculinidade, qualquer outro que pareça permeável ao feminino, qualquer coisa que não atenda aos parâmetros fálicos de hombridade¹³.

Por isso acredito que a desconstrução desses padrões hegemônicos de masculinidade não implica em destruir e eliminar os homens, e sim explicitar, destrinchar os elementos que sustentam essa lógica para que possamos reorganizar esses elementos em uma outra estrutura que permita aos homens outros recursos que não o da violência.

E só podemos nos repensar e reorganizar ocupando o vazio desse lugar anteriormente

13 Bento, Hugo (org). *Entre (uns) nós. Masculinidades e Psicaná*

- 9 Souza, M. Vazio, feminino e restos. In: Souza, M. et al (Org.). *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade, sofrimento psíquico*. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2011
- 10 Derrida, J; Roudinesco, E. *De que amanhã... diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- 11 Muskat, S. *Violência e masculinidade*. São Paulo, Ed. Casa do psicólogo, 2011.
- 12 Connell, R. *Masculinities* (1995). 2 ed. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2005.
- 13 Bento, Hugo (org). *Entre (uns) nós. Masculinidades e Psicanálise*. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. dos Autores, 2022

rechaçado pelo pensamento moderno, para além da substância, da representação, do linear. O vazio no horizonte masculino explicita o limite e gera angústia e respostas via violência, pois questiona as epistemologias tidas como dominantes e a pretensa verdade universal do pressuposto que associa a ação, *logos*, representação, substância e falo.

Como cúmplices da hegemonia, em maior ou menor grau, recebemos os benefícios do patriarcado. O trabalho de desconstrução dos homens, nesse sentido, demanda epistemologias e ontologias que possibilitem outros recursos para que nós possamos ocupar e permanecer no lugar da crítica e da dúvida.

Esse é o convite que faço também às pessoas que sustentam o discurso do analista. Superar sua gênese patriarcal atravessada pelo colonialismo do

saber pode permitir a análise e desnaturalização de um discurso que chega com a pretensão de ser universal, e que, em cada encontro, possa ser localizado aquilo que há de mais particular em seus atravessamentos e tensionamentos com o coletivo.

Antes de pensar no “futuro” das políticas, práticas, pesquisas e debates sobre masculinidades, é imperiosa a análise do passado de modo a fazer bom uso das lutas e resistências das mulheres feitas até aqui. Das redes de atenção à violência que foram estabelecidas, das políticas que permitiram uma vida livre da violência. Pensar no futuro considerando o passado, o ancestral e o popular. Para que as circunstâncias que impediram e impedem o trabalho com os homens e suas masculinidades possam ser ressignificadas, questionadas e reestruturadas.